

# MOLEQUE RICARDO: MEMÓRIA E DILACERAMENTO

José Edilson de Amorim \*

O passado não se repete, é verdade, mas ensina a resistir e dá direito à imaginação. Alfredo Bosi. *Agenda Latinoamericana*, 1994.

## 1. Introdução

Nossa intenção é fazer um estudo, breve que seja, do percurso que o personagem Ricardo perfaz na obra de José Lins do Rego. Menino ainda, Ricardo brinca com Carlos de Melo e com outras crianças da bagaceira em *Menino de engenho*; comparece, em *Doidinho*, em rápidos instantes, como termo de comparação entre o enclausuramento do colégio e a liberdade do engenho; é referido por Carlos de Melo, em *Bangüê*, que especula sobre o seu paradeiro; tem um romance para si, domina a primeira parte de *Usina* e permanece na memória narrativa que organiza *Meus verdes anos*. Além de ter quase um duplo no menino Luiz de *Pureza*. Portanto, para usar um termo em voga, Ricardo é um personagem *transversal* na criação de José Lins.

Queremos então, a partir desta constatação inicial, analisar o lugar de Ricardo no interior dos romances do ciclo da *cana-de-açúcar*, integrado por *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Bangüê*, *Moleque Ricardo*, *Usina* e *Fogo morto*.<sup>1</sup> Aqui, caberia uma nota para indagar por quais razões *Pureza* estaria tão fora do *ciclo*, uma vez que sua ambientação urbano-rural e seus temas não se afastam muito dos outros livros: a memória da família perdida, a angústia sexual, a vida miúda dos lugares pequenos, a dominação local e seus problemas, a decadência familiar, etc.

\* Agradecemos a elaboração deste texto ao professor Andrea Ciacchi, pela indicação do nosso nome para proferir comunicação na Fundaj, em 31/05/2001, ocasião em que este trabalho foi lido. E ao prof. Hélder Pinheiro, colega de Departamento, pela lembrança da bela cena final do *Moleque Ricardo*, que me serviu de sugestão e estímulo.

<sup>1</sup> A denominação é do próprio José Lins do Rego, em nota à primeira edição de *Usina*, de 1936.

Quem sabe Graciliano Ramos esteja com a razão, quando no calor da hora, ainda em 1937, faz uma leitura, singela porém certa do romance, e o inclui, sem questionamentos, entre as obras citadas.<sup>2</sup>

Voltando ao nosso intento, desejamos pensar o ponto de vista de Ricardo, sua experiência de mudanças, como uma diferença no interior do *ciclo*, diferença que irá resultar na revisão crítica cristalizada na forma narrativa de *Fogo morto*.

Para este estudo breve, tomaremos algumas cenas significativas do romance por cuja análise se possa alcançar uma interpretação razoável do personagem e do seu percurso, com vistas à compreensão do seu papel na produção de José Lins do Rego. As cenas serão, em *Moleque Ricardo*, as nucleadas por dois episódios: a fuga do personagem para o Recife, no início do romance, e a sua adesão à luta operária, ao final, seguida da prisão, culminando com o fim do romance em que Pai Lucas oferece um culto do seu *candomblé* aos operários presos que seguem para a ilha de Fernando de Noronha; em *Usina*, a cena será a da morte de Ricardo, referida ao balanço que o personagem faz da sua estada no Recife e na ilha. Antes, porém, algumas idéias que nos ajudaram a ler os romances de José Lins do Rego.

## 2. Alguma referência de leitura

Antonio Candido, em *Literatura e subdesenvolvimento*, fala da predominância, em nossa cultura letrada, de uma *consciência amena do atraso*, antes de 30, e de uma *consciência catastrófica do atraso* a partir daí. Tais atitudes, diferentes entre si, correspondem à visão do país a que cada intelectual se filia: no primeiro caso, está a idéia do Brasil como um “país novo”; no segundo, a de um “país subdesenvolvido”. Nesta última compreensão, a idade do país não podia mais servir de justificativa para o seu atraso, historicamente produzido com formação interna da nossa sociedade.<sup>3</sup>

Em 30, as duas visões acima, conflitantes quando extraem compreensão diferente do período, confluem na conformação de uma conjuntura privilegiada para o estudo do Brasil moderno. A par dessas duas

<sup>2</sup> Ver “Pureza”, em RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*: obra póstuma. 6 edição, Rio de Janeiro: Record, 1978, pp. 140-142.

<sup>3</sup> Em *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

visões da sociedade brasileira, também duas vertentes temáticas se verificam na ficção regionalista: uma vertente de *invenção mítico-nostálgica* do espaço regional, em que permanece, ainda, o compromisso ideológico com as formas de representação e de justificativa do atraso; e uma vertente de *desinvenção crítica* dos motivos regionais, fundada no compromisso com a luta pela superação do atraso. Tais visões não se dão, no período referido, de forma pura e separada. Na representação literária sobretudo, ambas se implicam, mesmo que, ao cabo, uma delas seja privilegiada e domine a perspectiva ficcional.

Como desdobramento dessas duas vertentes, alguns temas ganham forma, *no romance de 30*, e caracterizam a atividade literária dos principais romancistas do período. Um dos temas que fizeram o prestígio do romance regional é aquele que demonstra um esforço enorme por elidir o tempo presente, passando a narrativa, com indisfarçável pressa, pela precariedade, pelo atraso e pela decadência que o presente exhibe: *é a busca do tempo (e do espaço) perdido* que estrutura, por exemplo, os primeiros romances de José Lins do Rego. José Lins se volta para o passado como forma de reinventar, pela memória, a várzea úbere dos engenhos, a vida farta da casa-grande e as relações amenas, entre as classes sociais, como desejo acalentado pelos donos de terra. Sua produção dramatiza, na ficção, o Nordeste açucareiro, colonial e patriarcal, imaginado por Gilberto Freyre como espaço regional identitário.

A partir dessa leitura, foram se cristalizando duas opiniões críticas sobre a obra do romancista em estudo: de um lado, o elogio de sua criação artística pela força da memória e do sentimento telúrico que ela foi capaz de mobilizar; de outro, a *desconstrução* crítica de sua obra, em que se flagra o *solo histórico* de sua produção e as *matrizes ideológicas* daí decorrentes como compromissos com as formas locais mais atrasadas de dominação. O elogio nostálgico da aristocracia rural, em seu poder

<sup>4</sup> Referimos três leituras de José Lins com a perspectiva que comentamos: ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. *O engenho anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1998. A expressão “espaços da saudade”, usada por nós, é deste livro. D’ANDRÉA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1992. FARIAS, Sônia Ramalho de. *Messianismo e cangaço na ficção nordestina: análise dos romances Pedra Bonita e Cangaceiros*, de José Lins do Rego, e *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: PUC, 1988 (tese de doutorado). O aproveitamento do *autor implícito*, em suas relações com o *solo histórico* da experiência do autor empírico, está presente neste dois trabalhos.

indisputado durante o império escravocrata, seria, para este posicionamento crítico, a perspectiva dominante nas narrativas do ciclo da *cana-de-açúcar*.<sup>4</sup>

Pensamos que é preciso verificar, com apoio nos romances, o espaço que vai de uma posição a outra. Cremos haver um percurso que encurta o distanciamento que se depreende das duas visões críticas. Pode ser que ambas, isoladamente, contenham exageros e problemas. Talvez sejam interpretações tão distanciadas que permitem, por ironia, um complexo cruzamento dos dois posicionamentos: citemos, para ilustrar, um exemplo que compõe um *quiasma discursivo*: Manuel Cavalcanti Proença é chamado pela professora Moema Selma D'Andréa para corroborar seu argumento sobre o elogio nostálgico da ordem patriarcal, em José Lins do Rego, como mascaramento da crise de dominação do poder regional nordestino; o alvo é, justamente, o romance *Moleque Ricardo*. O reforço é retirado do conhecido estudo *O negro tinha caráter como o diabo*.<sup>5</sup> Destaca a professora Moema:

Manuel Cavalcanti Proença põe o dedo no ponto nevralgico da questão com grande pertinência: “*O Moleque Ricardo* é romance-satélite do ciclo da cana-de-açúcar. Sob o ponto de vista cronológico, fica entre *Bangüê* e *Usina* (...). Interessante observar que, antes de nos levar à usina – com suas relações de trabalho e seu conceito de patrão e de assalariado – até o bangüê, o romancista pôs na cidade, como uma espécie de cobaia para a nova experiência social, um homem do engenho. Ricardo foi o escolhido. Foge para o Recife, em busca de vida nova. Mas, ao longo da sua permanência na cidade, a vida velha – o Santa Rosa, o engenho onde nasceu – é uma evocação de todos os momentos. E neste recordar há sempre uma declaração tácita da superioridade do regime do campo sobre o regime da cidade. E tanto ele quanto romancista – porque este é um livro escrito na terceira pessoa – acabam estabelecendo que a vida do cabra-do-eito é melhor que a do trabalhador das cidades. Poderá ser, talvez, mas estritamente na dependência de favores individuais, e sob o ponto de vista patriarcal.”<sup>6</sup>

O juízo acima, agora com duas assinaturas, cruza os problemas que estão na base de julgamentos tão estanques da obra do autor em

<sup>5</sup> Ver *O moleque Ricardo*. 17 edição, Rio: Nova Fronteira, 1984. Todas as citações do romance foram tiradas desta edição.

<sup>6</sup> Ver o livro citado da prof.a Moema Selma D'Andréa, pp. 77-78.

estudo. O primeiro deles é essa subclassificação de *romance-satélite*, que supõe a existência de *romance-centro*, talvez pelo fato de o romance avaliado tematizar a ida e a volta entre o campo e a cidade, como se esse não fosse o espaço dramatizado em todo o ciclo. Depois, aparece progresso demais nas relações modernas do trabalho existentes na cidade e na usina, e atraso demais nas relações rurais de trabalho. Sem contar que, na mesma citação, a vida de Ricardo no Santa Rosa já é uma distante *vida velha* face à *vida nova* do Recife. Curioso que aí ele fica cerca de seis anos, mais uns dois em Fernando de Noronha, tendo vivido dezesseis anos no engenho – fica fora, portanto, durante a metade do tempo vivido no Santa Rosa. É certo que a recordação é a forma de composição narrativa privilegiada em *Moleque Ricardo*; mas não é certo afirmar que a lembrança do engenho domine a cena narrativa no Recife. Além do mais, é preciso ler a trajetória do personagem que continua no romance *Usina*.

O mais curioso, porém, na citação que comentamos, é um *lapso* que resulta num *achado* para o argumento que a citação é chamada a reforçar: a palavra *favores*, que comparece na última frase da citação comentada, não foi usada por Cavalcanti Proença em nenhuma das versões que conhecemos do seu ensaio. A palavra que consta é *fatores*. A troca aproxima a análise do *Moleque Ricardo*, conduzida pela professora Moema Selma, da leitura que Roberto Schwarz faz da “ideologia do favor”, em Machado de Assis, como representação das formas sociais do atraso e o modo peculiar de inserção da sociedade brasileira no mundo moderno.<sup>7</sup>

O comentário acima não quer minimizar a rica contribuição de pesquisadores com quem aprendemos a ler José Lins, entre eles pessoas da nossa afeição e do nosso convívio acadêmico. Nosso intuito é, tão-somente, o do reparo atento ao texto e o do debate fraterno sempre necessário.

Reafirmamos, com isso, que a compreensão da obra de José Lins, feita sob o impacto dos seus livros iniciais, carece de complemento. Qualquer que seja o caminho escolhido: o do elogio entusiasta de um espaço regional identitário ou o do desmonte crítico do discurso regionalista como o discurso do poder.

<sup>7</sup> Referimo-nos ao texto *As idéias fora do lugar*, em: *Ao vencedor as batatas*. 2 edição, São Paulo: Duas Cidades, 1981.

É que os primeiros temas de 30 vão se adensando, vão problematizando e tornando mais complexas as posturas iniciais, de acordo com o percurso de classe de cada autor, por um lado, e, por outro, de acordo com a maturidade que determinada obra vai alcançando. Em José Lins, à medida que cresce sua produção ficcional, o ponto-de-vista narrativo vai abandonando a perspectiva única dos primeiros romances para se multiplicar em visões diversas, que se repetem, se negam e se contradizem, compondo um diálogo plural de vozes e de versões divergentes. E o que era a busca de um tempo perdido, a recuperação de um passado mítico, sua reinvenção edênica, agora somente se revela como fragmentação e como impossibilidade.

De *Menino de engenho* (1932) a *Fogo morto* (1943), a distância é enorme: sai do centro narrativo a figura de José Paulino, o avô que dá consistência ao frágil mundo infantil do narrador Carlinhos. Assumem o foco mestre José Amaro, concentrando ressentimento e melancolia; Lula de Holanda, resumindo desagregação e loucura; e o capitão Vitorino em sua vaga utopia desgarrada. E a reconstituição do passado de glória patriarcal se mostra impossível para o narrador que, em vão, se esforçará por ordenar o mundo da memória, que se esboroa frente ao presente em ruína. A memória e o seu dilaceramento são os conteúdos que estruturam esse momento do ciclo, num adensamento do discurso mítico e nostálgico dos primeiros romances de José Lins do Rego, o que o aproxima da visão, profundamente crítica quanto ao poder local, que Graciliano Ramos dramatiza, em *São Bernardo*, como esforço integrado à crítica de uma “modernização sem mudança”.<sup>8</sup>

Em resumo, será o dilaceramento da memória, formalizada no diálogo narrativo problematizador, que desejamos entender junto com a trajetória do personagem Ricardo. Agora vamos aos textos.

### 3. Os impasses da cidade

A narrativa do *Moleque Ricardo* se estrutura pelo impasse entre a recordação e a intromissão da cena presente. A princípio, Ricardo é um

<sup>8</sup> Cf. EIZENBERG, Peter L. *Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco (1840-1910)*; trad. de João Maia. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas: Unicamp, 1977, pp. 201-225.

PERRUCCI, Gadiel. *A república das usinas: um estudo de história social e econômica do Nordeste, 1889-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, pp. 126-127.

ser transido entre os *espaços da saudade* e os *impasses da cidade*. Impasse que o protagonista irá reavaliando à medida que os fatos presentes lhe vão cobrando uma opção. Serão algumas cenas do presente intromisso que conduzirão nossa leitura. Sabemos, logo no seu início, que Ricardo manda uma carta avisando sobre sua volta a Pilar (p.71). A carta é mandada em situação dramática: com a morte da mulher, depois de uma doença penosa e implacável, Ricardo cai numa depressão insuportável: “Foi quando Ricardo se lembrou de mandar uma carta para a mãe boa, para a mãe Avelina.” (p.335) Depois daí, e já estamos no fim do romance, vamos saber que essa volta não se dá no tempo prometido. Ricardo adere ao movimento grevista e, com a derrota operária, é preso e mandado para Fernando de Noronha onde fica uns dois anos.

Voltemos à cena inicial do romance – a fuga para o Recife. Ricardo tinha dezesseis anos, aprendera a ler em Pilar; brincara com o neto do senhor-de-engenho; era o moleque de confiança da casa-grande, fazendo os mandados do coronel José Paulino. Como parte dos serviços da casa, Ricardo ia, todos os dias, à vila de Pilar, quando da passagem do trem, buscar os jornais para o senhor-de-engenho:

Ricardo fugiu. Era assim como se comentava a saída dele para outras terras. Uns falavam que se juntara aos tangerinos, de madrugada, outros que pegara um trem de carga. O fato era que, aos 16 anos, Ricardo não ia mais à estação buscar os jornais, não lavaria mais cavalos no rio. Deixara o quarto da mãe Avelina fedendo a mijo por outros. E, no entanto, a sua fugida ele a calculara. Todos os dias aquele ir e vir de trens, aqueles passageiros de boné na cabeça e guarda-pó, o povo da segunda classe, os que iam ao Recife, à Paraíba, a Campina Grande, gente falando de feiras, de cidades, de terras que não eram engenho, tudo isto fazia crescer a sua imaginação. Ficou pensando em fugir. Mas a mãe? A Tia Galdina? Ele gostava da mãe, da negra Avelina. (p.71)

Na cena, além dos elementos já apontados, três informações significativas: o sentimento familiar de Ricardo, que logo mais se confirmará em seu apego ao irmão mais novo, Rafael, a quem dedica o último afeto antes de ir embora; as *lições de partida* que a *vida da estação* de Pilar lhe proporcionou, em seu contato com trens, com jornais, com notícias de outras cidades, de outros espaços e de outras experiências. Ou seja, o apelo da cidade através dos signos da vida *moderna*, e, com tudo isso, a

decisão pensada e calculada. O restante do capítulo somente confirma e trabalha com os dados acima e com as inquietações da família; mas não é descabido concluir que, nos cálculos de Ricardo, um elemento de ponderação foi decisivo: os gritos do coronel e a natureza do trabalho que fazia, exercido como uma mistura de adjutório e obrigação, em troca de *proteção* e da moradia: “Foi assim que o moleque Ricardo deixou o engenho pela cidade.” (p. 76).

No Recife, a experiência de Ricardo é diversa: empregado doméstico de remuneração incerta, *lambaz* de padaria, pãoeiro e trabalhador na construção de linhas de bonde. Na vida pessoal, acumula amizades, alguma paixão, traição e, sobretudo, perdas. Com a última dessas perdas, a morte de Odete, sua mulher, Ricardo cai em depressão como dissemos antes. Sua angústia e sua inapetência, no entanto, contrastam com a dinâmica do movimento operário, prestes a entrar em greve, no meio de uma conjuntura de mobilidade política que anima a cidade inteira. Mas o envolvimento dos amigos da padaria de Seu Alexandre, com a luta operária, não os impedem de ajudar na recuperação de Ricardo. Graças à solidariedade deles, Ricardo recobra os ânimos, volta inteiramente ao trabalho e, logo depois, adere ao movimento grevista. Sua decisão, portanto, não foi um ato impensado, apenas motivado pela compensação do vazio que a perda da mulher provocara, como se insinua.<sup>9</sup>

Como aconteceu com sua decisão de deixar o Santa Rosa, a resolução de entrar em greve fora pensada e maturada: na padaria, Ricardo ouvia e podia ponderar os cruzamentos de discursos sobre a organização operária, as lideranças para-sindicais, o papel dos intelectuais e dos estudantes, a visão dos patrões e do governo, as opiniões favoráveis e contrárias de colegas do mesmo trabalho. Ricardo, enfim, tem condições de avaliar o discurso reacionário de Seu Alexandre, o patrão; o absentismo conformista de Pai Lucas, que disputa os negros da padaria com o movimento sindical nascente; e o discurso participante da maioria dos colegas. Então, Ricardo, que antes afirmava não conhecer a fome, por não a sofrer fisicamente, repensa, ao participar da greve e em face do cerco a que são submetidos os grevistas, a situação de penúria da família dos amigos, a quem tivera de socorrer mais de uma vez:

<sup>9</sup> Essa parece ser a interpretação de Cavalcanti Proença no ensaio citado.

A greve agora era para que dessem ao povo mais comida, mais alguma coisa. Simão, Deodato, Jesuíno estavam ali para isto. Deixaram a padaria de Seu Alexandre para isto. A greve seria para que os filhos deles, a mulheres, comessem e vestissem. Sebastião garantiu o sucesso. Seriam vitoriosos na certa, porque todos os trabalhadores unidos valiam de verdade. União. Solidariedade. Só precisavam disto, lhes dizia Sebastião. Vencer os mais fortes com a união de todos eles. Ricardo viera também. O que ficaria ele fazendo sozinho na padaria? Todos queriam alguma coisa. Ali na Rua do Lima, dos homens que estavam ali não tinha um só em melhor condição do que Simão. Meninos e mulheres em casa roendo pata de caranguejo, cheirando mangue, tomando banho junto com excrementos. Os urubus voando por cima deles. Todos eram iguais. O moleque via que os olhos de seus companheiros brilhavam como os dos filhos de Florêncio. Era a peste da fome. Há dois dias comiam uma miséria. Fome. Fome. Fome. Ricardo conhecia a fome. (p.347)

Os operários são cercados e presos. O movimento é derrotado e são desarticuladas as lideranças; os operários embarcam para a ilha. Um pouco antes, a caminho da prisão, Ricardo avalia a situação de alguns companheiros, conclui pela arbitrariedade dos fatos, lamenta pelas famílias que ficarão abandonadas e deseja o sacrifício apenas para si, ele que não tinha filhos: “Ele era só porque o povo do Santa Rosa era já como se não existisse mais.” É desta forma que ele se integra ao *destino* coletivo.

Como dissemos, Seu Lucas, o pai-de-santo, não só insistia com Ricardo para que este não se envolvesse com o movimento operário, como até se orgulhava, disputando posições, de que um *negro seu* não sairia da sua proteção para se meter em sindicato e em política. No entanto, é pelo seu gesto, é por sua voz e pelas vozes dos que participam do seu culto, que assistimos à cena final do romance. Quando o navio parte, Seu Lucas está lá no cais para se despedir dos operários. Inconformado, sofre a iniquidade da prisão arbitrária:

Os seus negrinhos iam pra Fernando. Num mar navegando. Num mar carregados para o cativo. Ficou pensando. Uma coisa esquisita entrava pelo seu corpo. Que fizeram os negros? Que fizeram Ricardo e Jesuíno? Mataram? Roubaram? O governo mandava os infelizes pra Fernando. Seu Lucas ficou assim até de noite. Era noite de culto, noite de rezar para o seu Deus. (p. 355)

E o culto dessa noite é dedicado ao sacrifício dos negros presos; as rezas do candomblé cedem à mágoa e ao desespero perante o drama dos condenados à prisão; o ritual religioso vira um ato de oferenda, num sincretismo ecumênico de quem somente pode resistir oferecendo a sua fé e o seu corpo, num ritmo em que se afinam o canto, a dança e a palavra de protesto:

— Que fizeram eles? Ninguém sabe não!

E o canto subia, subia com uma força desesperada. As negras sacudiam os braços para os lados como se sacudissem para fora do corpo. Os peitos, as carnes se movimentavam numa impetuosidade alucinante. A terra do Fundão estremecia. Pés de doidos, de furiosos furavam a terra. E Seu Lucas com a boca para cima misturando as mágoas com as suas rezas:

— Que fizeram eles que vão pra Fernando? Ninguém sabe não! O sacerdote quebrando o ritual para deixar escapar a sua dor. Seu Lucas não era mais um Deus naquela hora. Como um homem qualquer ele falava pelos pobres que no mar se perdiam. O Canto dele varava a noite, varava o mundo:

— Que fizeram eles que vão pra Fernando? Ninguém sabe não! (p. 356)

#### **4. A modernização sem mudança**

Em *Usina*, Ricardo volta do Recife para a vila de Pilar. Será o seu olhar o ponto de vista narrativo dominante durante toda a primeira parte desse romance. Ricardo faz um balanço melancólico da cidade. Nesse balanço, pensa voltar ao engenho Santa Rosa; na verdade, volta para a Usina Bom Jesus. Na cidade, as recordações eram as do engenho; ao deixar Recife, serão as recordações daí que ele quer exorcizar:

Iria para o engenho, não tinha mais dúvida. Na próxima semana se veria livre de todas as desgraças a que assistira, de todas as recordações que lhe atormentavam a vida. O Recife era para ele como um cemitério. (p. 707) <sup>10</sup>

A leitura isolada da cena pode concluir por uma perspectiva privilegiada do espaço tradicional em prejuízo da *experiência moderna* do

<sup>10</sup> Cf. *Usina*. José Lins do Rego. Ficção Completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S/A, 1987.

espaço urbano. Concluir assim seria escolher a perspectiva única dos romances iniciais (*Menino de engenho, Doidinho e Bangüê*) como o modo privilegiado de leitura. Seria adotar para análise o ponto-de-vista de Carlos de Melo. Ou advogar a permanência, nos outros romances do *ciclo*, de um olhar idêntico ao seu, agora sob a forma de um *autor implícito* que domestica a cena narrativa.<sup>11</sup>

Ocorre que a cena deve ser referida ao tema que confere significação ao romance, estruturando sua narrativa. Na nossa leitura, esse tema é o espaço da experiência de Ricardo, que é, justamente, o lugar da tensão entre o campo e a cidade; entre o Recife e o engenho Santa Rosa. A consciência que se forma a partir de sua experiência plural será a reflexão que o romance nos impõe. Tomemos estas duas perspectivas de análise, a do parágrafo anterior e a deste, e façamos a leitura de uma frase capaz de resumir a cena da chegada à estação de Pilar: “O moleque pisou em terra firme.” (p. *Usina*. 713) Se circunstanciada apenas à cena da chegada, a frase poder ser lida como a reconquista do espaço perdido, a volta à segurança do espaço tradicional, numa avaliação negativa da cidade. Mas é bom verificar a frase no contexto da trajetória de Ricardo como um todo. A mesma frase é pronunciada no percurso de ida, quando de sua chegada ao Recife, vindo do Santa Rosa, ao fim de uma longa viagem de trem e de bonde; e não só Ricardo, mas também o condutor que o levara para casa, morador do Recife, está incluído: “Ricardo e o condutor saltaram em terra firme” (*Moleque Ricardo*, p.81 ). E a mesma observação é repetida quando a família de sua mulher sai do mangue insalubre, na Rua do Cisco, para a Rua do Cravo do Fundão, local mais habitável: “O povo pisava em terra firme, dispunha de árvores para as sestas de sol quente. A miséria dali não se comparava à do mangue.” (*Moleque Ricardo*, p. 299). Portanto, seja nas situações em que se deixa o trem para pisar em terra, seja quando se deixa o mangue alagado para pisar o chão firme da *cidade*, o narrador avalia os espaços da transição e os da permanência. É dessa avaliação que se vai compondo a consciência fragmentada do protagonista que contempla suas expectativas e pensa nas condições de vida do povo.

<sup>11</sup> Reafirmamos que as categorias de *autor implícito*, de *solo histórico* e de *matriz ideológica*, aplicadas à leitura da obra de José Lins do Rego, ver os trabalhos de Sônia Ramalho e de Moema Selma indicados na nota 4.

Vejamos, agora, a cena final da trajetória de Ricardo. A cena se passa no seguinte contexto: a usina Bom Jesus, em cujo barracão Ricardo trabalha, está falida; investidores, fornecedores e outros usineiros lhe disputam o espólio. A consequência disso é o desemprego. Para complicar o cenário, uma estiagem empurra os povos do sertão em demanda da várzea, na esperança de serviço nas usinas. Desemprego e seca terão como desfecho, para as populações pobres, a fome e os saques, as epidemias e as mortes. Os saques aos engenhos e às feiras começam a se espalhar. O que é rearranjo e negócio, entre as classes produtoras, pela posse da usina em falência, vai se convertendo em tensão concentrada na multidão de famintos.

Será longa a citação, mas vale recobrar a paciência:

Seu Ernesto trancara as portas. O Moleque Ricardo, de dentro, ouvia o povo no falatório. Seu Ernesto olhou pelo buraco da fechadura a multidão que descia para ele. De rifle na mão, o cabra que dormia com Ricardo, esperava. Seu Ernesto falava exasperado: o primeiro que botasse a cabeça ali dentro ele derrubava.

Gritavam lá fora. Um urro de boi emperrado vinha lá de fora. Ricardo começou a sentir uma coisa esquisita. Era medo e não era. Sentado num saco de farinha, o moleque não sabia o que era aquilo que passava por ele, era um frio, era uma vontade de gritar, de fugir dali. Lembrava-se de Florêncio, da cara do pobre na hora da morte, de Simão, do sino tocando na ilha, na morte de Simão. O grito do povo. Um urro de boi emperrado e o carreiro queimando palha na barriga do animal. Um urro de boi sofrendo era o que Ricardo ouvia. O cabra guarda-costas fumava descansado.

Seu Ernesto, lívido, não sabia o que fazer. E sacos de farinha, as mantas de carne, as barricadas de bacalhau.

Por que não sacudiam tudo aquilo para o povo encher a barriga? O primeiro que botasse a cabeça, veria o que era uma bala. Para o cabra de rifle em punho, nem parecia que havia perigo. Ricardo fechava os olhos para não ver a cara de Florêncio morrendo, o olho arregalado de Simão. Deodato lhe dissera que ele na ilha fora um safado. Os filhos de Jesuíno, roubando nos quintais. A mãe Avelina de pernas estouradas. Salomé rapariga de todo mundo.

A cabeça do moleque rodava, num zunzum, como de canto de cigarra distante, gemia nos seus ouvidos.

Bateram na porta. E o cabra disparou um tiro à toa.

Então Ricardo correu, pulou pelo balcão da venda, se agarrou na tranca para abrir.

— O moleque está doido — gritou Seu Ernesto.

E uma bala pegou-o pelas costas.

O povo entrou pela porta escancarada, passando por cima do corpo do negro ferido. (p. 907-908)

E o saque se consuma com a morte de Seu Ernesto, encarregado do barracão, e do cabra do rifle, seu guarda-costas.

Antes de comentarmos o episódio, lembremos que, durante toda a estada de Ricardo em Pilar, após a sua volta, o seu termo de comparação, para a penúria da família e para a pobreza dos trabalhadores rurais, era a experiência operária vivida no Recife. E é claro que essa não foi uma aprendizagem linear e sistematizável, de forma rigorosa, no plano da sua consciência. Foi, ao contrário, uma experiência fragmentária, próxima, aliás, da nascente organização operária e sindical das classes trabalhadoras dessa cidade nos anos vinte do século passado.<sup>12</sup>

Pode-se argumentar, com alguma razão, que nas comparações de Ricardo, entre o campo e a cidade, o engenho é lembrado com saudade, sendo a usina a responsável pela degradação da paisagem e da vida no presente. Além da cidade, agora é a usina que é avaliada de forma negativa em face dos tempos idílicos do engenho Santa Rosa. Mas não é bem assim. Aquele idílio entre a casa-grande e a rua dos ex-escravos, que ainda deambulam pela cozinha, tal como pensou Carlos de Melo, talvez sequer tenha tido lugar. Não fosse assim, e não teríamos um garoto de 16 anos fugindo dos gritos de um senhor de terras, buscando relações mais estáveis de trabalho como compensação de relações indefinidas de assalariamento e de atribuições. Não fosse assim, e não teríamos um coronel raivoso que, para além da preocupação com a sorte de um moleque doméstico, grita o vaticínio da sua autoridade exemplar: “Negro fujão, pensa que lá por fora vai ter vida melhor. Vai é morrer de fome. Outros têm se arrependido.” (*Moleque Ricardo*, p. 77).

Nos pensamentos do garoto Ricardo, ao decidir partir, domina um sentimento de liberdade, contraface da experiência de trabalhador alugado. É tudo isso que Ricardo avalia ao deixar Pilar pelo Recife. Se

<sup>12</sup> Cf. o estudo de Souza Barros – *A década 20 em Pernambuco*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

pensamos desse modo, é porque não devemos ler as atitudes de todos os personagens como se todos tivessem – ou devessem ter – um programa de ação e de transformação social nas mãos, ao qual fossem fiéis ou do qual se afastassem de acordo com um compromisso de classe rígida e aprioristicamente concebido pelo autor.

Novamente no campo, Ricardo não pára de lembrar da cidade, e são as condições miseráveis de existência dos pobres, num e noutro espaço, os elementos de sua recordação. Se o Recife de sua experiência é lembrado como um cemitério, em que ficaram seus melhores amigos, no mesmo cemitério se transformam as terras da várzea, com a fome e as epidemias.

São os amigos mortos que voltam à sua lembrança momento antes de abrir as portas do barracão à multidão faminta. Os mesmos amigos com quem aprendeu as significações da organização operária. Nos momentos decisivos do sua ação, Ricardo compara sua coragem com a dos colegas de aprendizado sindical, avalia a necessidade de sua atitude e conclui, com o gesto final, pelo mesmo caminho que o fez aderir às lutas do Recife – o caminho da solidariedade entre os despossuídos. A mesma solidariedade, aliás, que faz o pai Lucas mudar seu culto religioso em ato ecumênico. No terreiro, os umbandistas oferecem o corpo, em sacrifício simbólico, em solidariedade aos operários presos; no barracão, Ricardo oferece o corpo frágil à violência para franquear o alimento da usina à população pobre. Uma oferenda da solidariedade que ajuda a explicar a adesão, a comunhão e o sacrifício.

## **5. Alguma conclusão**

Concordamos em que, na perspectiva de Carlos de Melo, predominem os *espaços da saudade*. Mas o ciclo da cana-de-açúcar não se compõe somente desse olhar. A trajetória de Ricardo, do espaço rural ao urbano e do urbano ao rural, passando, até, pelo espaço da ilha-prisão, que não se enquadra com facilidade em nenhum dos dois, interpõe uma clivagem na visão mítico-nostálgica inicial. O seu é um espaço transitório, o entre-lugar da experiência individual, fragmentada, mas também compartilhada, para quem a deseja una. A experiência de Ricardo não é a mesma de Carlos de Melo.

Ao passado que alimenta a narrativa de José Lins do Rego, vai se impondo um presente inescapável em sua cobrança diária pela sobrevivência; insinuante em seu apelo utópico, mesmo que tal utopia se materialize

em pequenos gestos e se revele a varejo nas ações miúdas. E de tal forma o presente narrativo invade a cena, em *Moleque Ricardo e Usina*, que já se torna difícil a um narrador privilegiado, como o *autor implícito*, fiar o texto por um único fuso. A experiência de Ricardo e dos seus amigos enreda os fios de uma urdidura que perfaz a trama da *modernização sem mudança* – uma das bases do nosso modelo de desenvolvimento regional.

O presente se impõe com tal força que o próprio Cavalcanti Proença, que viu tanta recordação no romance, dele não escapa ao final do seu ensaio:

Mas, ao fechar o livro, ninguém estará contra os operários do Recife. Ninguém terá boa recordação de seu Alexandre, ninguém concordará com o exílio do moleque para Fernando de Noronha.

Não só o presente narrativo lhe é inescapável, como nele se inspira o ensaísta para, referindo o seu próprio presente, imaginar com tanto alento o futuro que deseja, ao afirmar do romance:

No final, o que nos deu foi o retrato de uma sociedade em conflito, à procura de novos caminhos. Que virão.

Encerramos com estas palavras, escritas em 1966, as quais, aqui, dialogam com a avaliação do passado, feita por Alfredo Bosi, na epígrafe a este texto.

